

Referenciação e multimodalidade: a construção de objeto-de-discurso na articulação entre verbal e não verbal

(Referentation and multimodality: the construction of discourse objects in the articulation verbal and non-verbal)

Natalia Santos Ciceri de Oliveira¹

¹Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista (Unesp)

nataliaciceri@yahoo.com.br

Abstract: This article is about the referential process, considering the articulation between verbal and non-verbal in printed newspapers. We aim to show how the discourse object is (re)constructed, intending to discuss some procedures that emerge of this articulation. From a thematic approach, we focus on the reference to the discourse object *public figure* in *Folha de São Paulo* newspaper. The analyses are based on Textual Linguistics, sociocognitive and interationally oriented, that adopts the referential as discursive activity, situated in subject social practices and built in a specific interational context, and in some Grammar of Visual Design resources (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]), whose proposal, allied to Social Semiotic, presents a description model of diferent modalities texts.

Keywords: *referentation; multimodality; printed newspaper.*

Resumo: Este artigo trata do processo de referenciação, tendo em vista a articulação entre verbal e não verbal, no jornal impresso. Mostraremos, portanto, como o objeto-de-discurso se (re) constrói, buscando discutir alguns procedimentos que emergem dessa articulação. A partir de um recorte temático, focalizamos a referência ao objeto-de-discurso *pessoa pública* no jornal *Folha de S. Paulo*. As análises são fundamentadas na Linguística Textual, de orientação socio-cognitivo-interacional, que toma a referenciação como atividade discursiva, situada nas práticas sociais dos sujeitos e construída num contexto interacional específico, e em alguns recursos da *Gramática do Design Visual* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]), cuja proposta, aliada à Semiótica Social, apresenta um modelo de descrição de textos de modalidades diferentes.

Palavras-chave: *referenciação; multimodalidade; jornal impresso.*

Introdução

Este artigo apresenta algumas reflexões acerca do processo de referenciação visto sob o prisma da multimodalidade. Buscaremos mostrar de que maneira, na construção de objeto-de-discurso, elementos presentes em textos verbais e não verbais se articulam, tomando como objeto de análise uma composição¹ presente na edição do dia 18 de março de 2013, no jornal *Folha de S. Paulo*. Tal composição focaliza a figura do Papa Francisco na ocasião de seu primeiro Ângelus, e é formada por fotografia, legenda, títulos e resumos noticiosos. Demonstramos como a fotografia e algumas porções textuais presentes na primeira página do jornal operam, de maneira articulada, na construção do referente em foco.

¹ Na pesquisa que realizamos, no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Unesp – *campus* de São José do Rio Preto –, selecionamos, até o momento, 20 composições, que seguem mais ou menos um mesmo padrão de diagramação apresentado na amostra que trazemos aqui. Chamamos de *composição* uma “unidade noticiosa” que pode conter fotografia, títulos, legendas, corpo de texto noticioso, presente na primeira página ou na página interna do jornal *Folha de S. Paulo*.

As discussões trazidas aqui fazem parte de um recorte de minha dissertação de mestrado em andamento. Na pesquisa, não tratamos apenas da primeira página, mas consideramos a relação entre a composição presente na capa e a composição interna. Consideramos a relação entre a primeira página e a página interna, porque mostramos que os diferentes movimentos de leitura, que podem ser realizados pelo leitor do jornal, interferem na construção da referência.

Situamos nosso trabalho no campo da Linguística Textual, de orientação socio-cognitivo-interacional, e concebemos a linguagem como uma atividade que proporciona a interação social. Os elementos que compõem um texto são, nessa perspectiva, entendidos e tratados como processos que se constroem na relação entre os interlocutores, em práticas discursivas sócio-historicamente situadas. São, portanto, constructos, que se manifestam na materialidade textual, mas advêm dos conhecimentos partilhados entre os envolvidos na interação, de suas memórias e de suas concepções sobre o mundo.

Dessa forma, a referência, considerada pelas tendências correspondentistas como a relação especular entre as palavras e as coisas, sofre um deslocamento condizente com a visão procedural da orientação sociocognitivo-interacional, e passa a ser revisitada, no quadro da Linguística Textual, sob o postulado da referencialização, cuja defesa recai numa visão construtiva para a qual os referentes “não preexistem ‘naturalmente’ à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos – fundamentalmente culturais – dessa atividade” (APOTHÉLOZ; REICHER-BÉGUELIN, 1995, p. 228).

Como produtos culturais da atividade cognitiva e interativa dos sujeitos, os referentes deixam de etiquetar os objetos-de-mundo, numa relação direta entre linguagem e realidade, para se instituírem como objetos-de-discurso, entidades dinâmicas que tomam forma e se modificam no fazer discursivo. Não se trata, no entanto, de negar a realidade, mas admiti-la como versões resultantes dos conhecimentos que os sujeitos têm sobre o mundo, de suas expectativas em relação ao outro, de suas crenças, de suas experiências. Em contraponto a uma noção de representação como espelhamento, para a abordagem sociocognitivo-interacional, a função “representativa” da linguagem destaca a forma como os sujeitos operam na elaboração dos referentes, tendo em vista um projeto de dizer.

De maneira análoga entendem os autores que adotamos para a análise das fotografias. Kress e van Leeuwen (2006 [1996], p. 7) dizem que a representação é um processo pelo qual os sujeitos constroem signos de acordo com seus interesses. A imagem e, para nós, de maneira mais específica, a fotografia, é também uma construção resultante de escolhas determinadas pela história cultural, social, psicológica, e pelo contexto em que é produzida. Consideramos, assim, que, além do verbal, as fotografias são produtos de escolhas que revelam os propósitos do produtor e contribuem para a (re)construção do objeto-de-discurso.

A relevância deste trabalho está, portanto, em admitir que a construção do referente se manifesta na articulação entre verbal e não verbal e propor uma análise dos processos de referencialização conjugada à análise de elementos imagéticos. A consideração de textos compostos por sistemas sígnicos diferentes tem sido uma preocupação no campo de estudo da Linguística Textual e tem movido alguns autores a buscarem reflexões de ordem teórico-metodológica que auxiliem em seu tratamento. Bentes, Ramos e Alves

Filho (2010, p. 390) referem-se à multimodalidade como um dos objetos que desafiam os estudos do texto na atualidade.

Neste artigo, trazemos uma possibilidade de abordagem do fenômeno da referência, considerando o desafio apontado por esses autores. No próximo tópico, apresentaremos uma revisão das bases teóricas em que nos fundamentamos. Será visto que nossa proposta se enquadra no que vem sendo chamada de *segunda tendência nos estudos da referência*, caracterizada, principalmente, por adotar uma perspectiva mais ampla sobre o fenômeno, já que admite a integração de outros elementos na construção de objeto-de-discurso, além dos sintagmas nominais.

Fundamentação teórica

A apresentação de nossa fundamentação teórica está organizada em três momentos: primeiramente, falaremos sobre os princípios gerais que nos autorizam a estabelecer compatibilidades entre a Teoria da referência e a *Gramática do Design Visual* (ou GDV); em um segundo momento, trazemos uma revisão dos estudos sobre referência, dividindo-os em duas tendências, conforme vem mostrando autores como Cavalcante (2011), Custódio Filho (2011); por fim, apresentaremos algumas considerações sobre a GDV, enfocando os recursos que selecionamos para a análise que apresentamos neste artigo.

A base teórica fundamental que sustenta este trabalho é a perspectiva sociocognitiva-interacional da referência, desenvolvida, principalmente, no campo de estudos da Linguística Textual (ou LT). Como vimos na introdução, a concepção procedural da LT, influenciada pela pragmática e pelo sociocognitívismo, conduz esse quadro teórico ao interesse pela investigação de fenômenos envolvidos no processamento textual. *Grosso modo*, cabe explicar e descrever o funcionamento dos fenômenos que tornam o texto um todo significativo, levando em conta os processos cognitivos ativados em sua produção e recepção, os conhecimentos partilhados pelos interlocutores, as negociações dos sujeitos em interação, as condições sócio-históricas em que o texto foi produzido.

A referência passa a ser tratada de maneira dinâmica e entendida como uma atividade discursiva, ou seja, os referentes, vistos como constructos sócio-históricos resultantes de práticas simbólicas, são constantemente atualizados na interação. Como já dito, tal visão é contrária à ideia de que as palavras espelham as coisas, como se pudessem substituí-las. Na verdade, a Teoria da referência entende que “os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17).

Mondada (2001, p. 9) explica que, nessa perspectiva, os referentes se constituem como *objetos-de-discurso* e não como *objetos-de-mundo*. Disso podemos extrair o princípio mais caro a essa teoria: o mundo é *construído* pelos sujeitos em suas atividades cognitivas e interativas. Buscando, pois, uma abordagem da fotografia que seja coerente e compatível com essa perspectiva, adotamos a *Gramática do Design Visual*. Os autores da GDV entendem que toda e qualquer “representação” é resultado de uma construção. As imagens, para eles, são mensagens estruturadas, no sentido de que não podem ser vistas como fieis à realidade. Dessa forma, o signo não é uma entidade pré-existente, mas constituído pelo sujeito. Salientamos, novamente, que nenhuma das propostas nega o real,

afinal, as representações são ancoradas no mundo e resultam das escolhas que os sujeitos fazem ao elaborarem discursivamente suas versões. Na verdade, o que se tem nas duas perspectivas é uma concepção intersubjetiva e construtiva de representação.

Além disso, é possível concluir, assim como para a perspectiva sociocognitivo-interacional, que para a GDV tais construções se dão na/pela interação. Kress e van Leuween (2006 [1996], p. 45) defendem que as estruturas pictóricas “estão imbricadas com os interesses das instituições sociais dentro das quais as figuras são produzidas, circulam e são lidas”. Dessa maneira, entendem o modo visual como fruto de escolhas culturalmente determinadas, utilizadas com finalidades específicas. Os signos visuais, portanto, não são arbitrários, mas são produzidos a fim de atenderem a um propósito comunicativo.

São, pois, esses dois princípios que a nosso ver autorizam estabelecer uma convergência teórica entre a Teoria da referenciação e a GDV, ou seja, em ambas temos a defesa de que as representações são versões criadas por sujeitos sócio-historicamente situados, a fim de cumprir objetivos comunicativos específicos. Defendemos a necessidade da adoção de um quadro teórico-metodológico para o tratamento das fotografias, já que entendemos que verbal e não verbal são modos semióticos diferentes e, portanto, são processados a partir de estratégias e recursos diferentes. Justificamos a adoção, em nosso trabalho, de algumas categorias da GDV, principalmente, para não comprometer a análise com interpretações demasiadamente subjetivas, já que, ao filtrarmos a análise da fotografia com um aparato teórico, podemos validar melhor nossas interpretações. Optamos pela GDV porque o modelo compartilha com a Teoria da referenciação a visão de que a realidade é construída nas/pelas práticas sociais.

Tendo esses pontos esclarecidos, desenvolveremos no segundo momento dessa fundamentação uma breve revisão sobre as estratégias e processos descritos pela Teoria da referenciação, em suas duas tendências.

A Teoria da referenciação

Para a perspectiva sociocognitivo-interacional a atividade de referir é dinâmica e instável, ou seja, os referentes são construções que se desenrolam nas práticas discursivas, numa relação indireta entre a língua e o mundo. Postula-se, dessa maneira, uma instabilidade constitutiva do real e, portanto, do próprio processo de referir. Mondada e Dubois (2003) mostram que as designações são variáveis porque dependem do contexto em que ocorrem e, por isso, se adaptam a ele, já que nosso sistema cognitivo se flexibiliza, dados os diferentes pontos de vista que podemos assumir sobre o mundo, implicando distintas categorizações. Elas defendem que “a instabilidade caracteriza o modo normal e rotineiro de entender, descrever, compreender o mundo – e lança, assim, a desconfiança sobre toda descrição única, universal e atemporal do mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 28).

Nota-se que a instabilidade é intrínseca ao processo de referenciação, mas, ao mesmo tempo, as reelaborações que fazemos do mundo sofrem restrições culturais, sociais, históricas e linguísticas. Logo, a referência não se dá de maneira indiscriminada e desordenada; na realidade, na medida em que o referente vai se constituindo e se modificando no processamento textual, as pressões de ordem cognitiva, interacional e linguística conferem a ele uma estabilidade relativa. O resultado são versões provisórias que os sujeitos criam a partir de elaborações e reelaborações do mundo que o cerca.

Dizer que as seleções vão se constituindo no processamento textual não significa, no entanto, que as modificações sofridas pelos referentes ao longo da interação sejam lineares e sequenciais. Veremos em outros estudos e em nossa análise, que o processo de construção de um referente é mais complexo e ultrapassa os limites da cadeia referencial e das operações de introdução e de retomadas correferenciais.

Essa complexidade já vinha sendo mostrada nas pesquisas sobre o funcionamento das expressões nominais – pesquisas que caracterizam uma primeira tendência dos estudos sobre referenciação. Jubran (2003, p. 95) explica, a partir de Koch e Marcuschi (2000) e Koch (1999), que, ao se admitir a anáfora como a relação entre dois elementos textuais, ampliando sua função tradicional de retomada pronominal de um antecedente lexical colocado no texto, abre-se espaço para os estudos de outras configurações anafóricas, que compreendem além do pronome, o sintagma nominal como elemento linguístico envolvido nas estratégias de referenciação textual.

Dessa maneira, passou-se a considerar duas estratégias principais de referenciação textual: o uso de pronomes e o uso de expressões nominais. Neste texto, interessa rever a segunda estratégia, já que as expressões nominais operam, com mais frequência, categorizações e recategorizações de referentes.

Baseando-se em escolhas determinadas por seus propósitos comunicativos e de acordo com o modo como interage sociocognitivamente com o mundo e com o outro, o produtor de um texto categoriza o referente a partir da ativação de conhecimentos partilhados socioculturalmente, ou seja, o sujeito aspectualiza, avalia e predica atributos ao referente, levando em conta seu projeto de dizer, o que determinará a ativação e categorização desse referente no processamento textual. Os estudos que caracterizam a primeira tendência mostram que essa construção não se mantém estática, visto que o processo de referenciação é dinâmico, o que resulta em alterações e em reavaliações do referente. As alterações e a forma como são marcadas no processamento textual determinam sua recategorização.

Segundo Jubran (2003, p. 96), esses processos são marcados no texto por algumas atividades referenciais, como a atribuição de propriedades relevantes a um referente, no caso das descrições definidas e das descrições indefinidas; a condensação de predicções precedentes, encapsuladas em um substantivo-predicativo, caso das nominalizações; e a introdução de um referente novo ancorado sem fonte explícita no texto, caso das anáforas associativas ou indiretas.

As pesquisas que focalizam essas atividades centram-se nas discussões acerca do funcionamento das expressões nominais e dos mecanismos envolvidos no processo de menção referencial, reforçando, como afirma Custódio Filho (2011, p. 139), “uma teoria da onipresença do sintagma nominal” que se manifesta na progressão textual – tal é foco que se tem dado aos estudos das anáforas indiretas e das anáforas recategorizadoras.

Tais preocupações não são excluídas da nova agenda sobre o assunto, que pode ser considerada uma continuidade dessa primeira tendência. Essa nova agenda também tem se interessado em verter um tratamento sociocognitivo-discursivo para as relações entre as expressões referenciais, mas se caracteriza, principalmente, pelo reconhecimento de aspectos mais amplos envolvidos na elaboração dos referentes, ou seja, levam-se em conta, nesses estudos, fenômenos que ultrapassam o universo das expressões referenciais.

Os trabalhos dessa segunda tendência mostram, de maneira mais reforçada, que o fenômeno da referenciação é um processo não linear, admitindo que a (re)construção do objeto-de-discurso não é resultado da soma sucessiva de traços atribuídos ao referente na progressão textual, mas das “idas e vindas” que caracterizam a leitura e o processo de interpretação. Assim também, a admissão de outras porções textuais no processo de (re)construção de um objeto-de-discurso abre espaço para o reconhecimento de outras unidades de análise, como a relevância de se considerar modificações resultantes de predicacões.²

Essas ampliações que citamos brevemente foram, em sua maioria, desenvolvidas por pesquisadores do Grupo Prottexto, da Universidade Federal do Ceará. Afinada a essas propostas, a tese de Valdinar Custódio Filho, de 2011, é a que toca mais diretamente em nosso tema: o processo de referenciação na articulação entre verbal e não verbal. Reconhecendo que o processamento textual pode contemplar o não verbal, o autor lança novo olhar para o processo de referenciação, admitindo para isso que

[...] os recursos imagéticos de um texto podem ocupar o mesmo papel que o normalmente imputado às expressões referenciais, de maneira que eles também seriam responsáveis pela instauração de um referente, bem como por eventuais recategorizações desse referente. (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 18)

Importante, no entanto, lembrar que a relevância de outras semioses para esse processo já vinha sendo apontada em trabalhos como o de Mondada (2005, p. 16) no que ela chama de *abordagens plurais das práticas referenciais*. Num estudo sobre a construção referencial operada por meio da expressão “you see” em interações entre médicos numa sala de cirurgias, a autora destaca o papel de outras práticas além das verbais na gestão da referência.

Outros trabalhos, como os de Bentes e Rio (2005), reafirmam a relação entre referenciação e multimodalidade, destacando o caráter dinâmico da construção referencial, em que aspectos relativos ao espaço, ao contexto, ao conhecimento partilhado dos interlocutores são de extrema importância para o entendimento da referência.

Colocadas, portanto, as bases que fundamentam nosso trabalho, inserimos nossa pesquisa no âmbito da segunda tendência dos estudos sobre referenciação, na medida em que admitimos o não verbal no processo de (re)construção de objeto-de-discurso. Dessa maneira, nossa proposta ultrapassa os limites da expressão referencial, embora destaquemos que não descartaremos o levantamento das estratégias estudadas pela primeira tendência, pois entendemos que se trata de abordagens complementares.

Já justificamos anteriormente a adoção de um aporte teórico que nos auxilie no tratamento das fotografias. Abordaremos o não verbal a partir dos elementos que o compõe e mostraremos que a fotografia resulta de escolhas, ou seja, a manipulação e as manobras técnicas estão materializadas no texto não verbal, que, em conjunção com o verbal, molda o objeto-de-discurso, por isso consideramos relevante mostrar o modo como ela é “elaborada” e como elabora e reelabora o real.

É importante dizer também que a ideia de conjunção não deve se confundir com a ideia de reforço. Para nós, o objeto-de-discurso emerge da articulação entre verbal e não

² Para aprofundar tais questões, recomendam-se, ao menos, as leituras de Cavalcante *et al.* (2007), Leite (2007a, 2007b), Custódio Filho (2011), Custódio Filho e Silva (2013).

verbal, e não do reforço que o não verbal possa oferecer ao verbal. Não subordinamos a fotografia ao texto verbal, como se a imagem fosse acessória e dependesse da escrita para construir a referência. Mostramos, diferentemente, que verbal e não verbal estão articulados em função de um projeto de dizer.

Passaremos a terceira e última parte de nossa fundamentação, em que apresentaremos algumas considerações sobre a *Gramática do Design Visual*, justificando e apontando o recorte que faremos dela.

A Gramática do Design Visual

No livro *Grammar of Visual Design*, de Kress e van Leeuwen, publicado em 1996, é apresentado um modelo de descrição que busca apreender os significados presentes nos modos semióticos visuais. Para os autores, interessa descrever como os elementos que compõem uma imagem se combinam formando um todo significativo. Esse modelo de análise foi criado a partir dos pressupostos da Semiótica Social lançados em 1988, por Hodge e Kress, com a publicação do livro *Social Semiotics*.

Van Leeuwen (2005, p. xi) explica que a semiótica social se desenvolveu a partir de questionamentos à Escola de Paris, que estendeu, com Barthes, as ideias de Saussure para a moda e a fotografia. Buscando ultrapassar os limites da estrutura e do sistema e influenciada por concepções da Linguística Sistêmico Funcional, a Semiótica Social desloca o foco do signo, como abstração, para o modo como os sujeitos utilizam o signo na busca de produzir e interpretar um evento comunicativo. Entende que todo evento comunicativo é multimodal e, por isso, objetiva compreender como esses recursos multimodais se integram nos usos sociais que são feitos deles.

Destacamos disso dois princípios básicos dessa abordagem: a consideração do social na compreensão da linguagem e de sua estruturação, a partir do entendimento de que o signo não existe antes ou fora das relações sociais; e o reconhecimento de que todo evento comunicativo seja multimodal, daí o estudo articulado dos modos semióticos (sonoro, visual, gestual, etc.). Guiada por esses princípios, a semiótica social define-se como um campo de investigações de textos multimodais, no qual se insere o modelo de descrição da *Gramática do Design Visual*.

Importante esclarecer que os autores da GDV chamam seu modelo de “gramática” buscando dar destaque às regularidades culturalmente construídas. Essa preocupação demonstra a consciência de que a proposta desenvolvida por eles não pode ser considerada geral e universal, dada a influência da cultura no modo como as imagens são produzidas. Não se trata, portanto, de propor uma gramática que dite regras de composição, mas apontar aspectos descritos a partir dos usos que se fazem dessas imagens em contextos específicos.

A GDV é baseada no modelo da Gramática Sistêmico Funcional e, assim como Halliday, seus autores defendem que qualquer modo semiótico em uso cumpre simultaneamente três funções principais. Partem, portanto, das noções *metafunção ideacional*, *metafunção interpessoal* e *metafunção textual*, e propõem a terminologia *metafunção representacional*³, *metafunção interacional* e *metafunção composicional*.

³ Importante retomar que os autores entendem “representação” como criação socioculturalmente determinada; contrária, pois, à ideia de espelho da realidade.

Por uma questão de espaço, não trazemos aqui a revisão dessas metafunções. Faremos um recorte da proposta que os autores apresentam, tomando alguns recursos descritos na gramática como aporte metodológico para a análise da fotografia e de outras estratégias composicionais, como a diagramação da primeira página e os recursos tipográficos. Para este artigo, apresentamos algumas considerações a respeito dos recursos que utilizamos na análise da amostra que trazemos.

A *distância social* e a *atitude* são recursos que, segundo a GDV, cumprem função interacional. A distância social diz respeito às possibilidades de enquadramento numa estrutura visual. Carvalho (2010, p. 268) resume essas possibilidades apresentadas pelos autores e explica que ele pode ser configurado de três maneiras:

[...] em plano fechado (*close shot*, quando a imagem mostra a cabeça e os ombros do participante representado), plano médio (*medium shot*, quando a imagem retrata o participante representado dos joelhos para cima) e, plano aberto (*long shot*, o representado é mostrado de corpo inteiro e o cenário é também visualizado).

Quanto mais aberto o plano de representação do participante, maior é o distanciamento estabelecido entre este e o espectador. Da mesma forma, o plano fechado representa relações de intimidade e proximidade.

A Atitude reflete as escolhas do produtor e está vinculada à seleção do ângulo de tomada, no caso da fotografia. Segundo Carvalho (2010, p. 269), esse “sistema de perspectiva [...] pode realizar atitudes (*attitudes*) mais ou menos subjetivas quanto à apresentação dos participantes representados”. Para Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), tais escolhas são socialmente determinadas e não partem de seleções individuais.

Os ângulos podem ser horizontais ou verticais (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996], p. 134). Nos primeiros a tomada pode ser frontal e, nesse caso, o plano da imagem coincide com o plano do fotógrafo; ou pode ser oblíquo, em que não há coincidência entre os planos. Os autores explicam que o ângulo frontal estabelece relação de envolvimento entre os participantes, enquanto o ângulo oblíquo estabelece uma relação de distanciamento entre eles (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996], p. 136). Já os ângulos verticais expressam relações de poder entre os participantes interativos. O ângulo vertical pode ser elevado, o que diminui o tamanho do participante representado e atribui poder e superioridade ao espectador; pode tomar o “nível dos olhos”, em que a relação é de igualdade, não havendo diferenças de poder entre eles; e pode ser baixo, atribuindo poder ao participante representado, que aparece numa posição superior ao espectador (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996], p. 140).

O *valor informacional*, a *saliência* e a *moldura* são recursos que cumprem função composicional. O valor informacional é atribuído ao modo como os elementos vêm dispostos ou localizados na composição ou imagem. Segundo os autores (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996], p. 179-201), a relação Dado-Novo representa os elementos posicionados à esquerda ou à direita. O Dado, à esquerda, seria uma informação apresentada como se fosse conhecida, consensual, e o Novo, à direita, seria uma informação apresentada como novidade e, por isso, geradora de polêmica e discussão. Além desse posicionamento horizontal, podemos considerar os elementos posicionados verticalmente pela

relação Ideal-Real.⁴ A informação tida como ideal, posicionada na parte superior de uma composição, seria uma informação tida como idealizada e de prestígio; já a informação real, posicionada na parte inferior, seria uma informação de caráter prático. Há ainda a relação Centro-Margem, cuja função, segundo os autores, é a de posicionar os elementos de modo que aqueles que estão no Centro representem uma informação mais importante, “central”, e aqueles que estão à Margem, uma informação secundária.⁵

Os autores explicam que para que uma composição seja considerada em uma das relações explicitadas acima ou, ainda, na integração entre elas, deve estar evidente o uso significativo desses recursos. Para um elemento apresentado como Centro, por exemplo, ou seja, como uma informação principal, haverá elementos à margem apresentados como dependentes e auxiliares. Se esses elementos são muito semelhantes entre si, não há, por exemplo, nenhum sentido estabelecer entre eles uma relação entre Dado e Novo ou entre Ideal e Real, o que significa que essas e outras categorias dependem sempre do contexto em que são usadas, ou seja, as relações descritas acima não configuram regras, mas possibilidades de organização.

A *saliência* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996], p. 201-203) determina o grau de importância que é atribuído aos elementos que constituem uma imagem ou composição. Em determinado contexto, embora a relação Dado-Novo, por exemplo, pareça destacar a informação à direita, já que ela é considerada geradora de discussão, alguns recursos podem colocar em destaque a informação dada. A saliência resulta da interação de vários fatores como plano, tamanho relativo, perspectiva, contrastes de tonalidade ou cor, diferenças de brilho, jogo de luz, além de fatores culturais específicos, como o aparecimento de uma figura humana conhecida. Os autores explicam que esses aspectos servem para chamar a atenção do leitor, indicando o que é mais importante na representação visual. Para Carvalho (2008, p. 226), isso também cria a trajetória de leitura esperada, já que estabelece uma organização hierárquica entre esses elementos.

Já a *Moldura* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996], p. 203-204) determina a conexão ou desconexão entre os elementos presentes na estrutura visual. Ela é caracterizada pela presença de vetores, espaços em branco, continuidade ou descontinuidade de brilho e cor, contrastes, que determinam as marcas da moldura, ou seja, o contorno dos elementos. Os autores explicam que, quanto menos emoldurados estão os elementos, maior é a integração entre eles. Esse conceito é utilizado também na análise da relação multimodal entre verbal e não verbal, que podem ocupar espaços diferentes no *layout* de uma composição, ou ocuparem o mesmo espaço, sendo apresentados de maneira mais integrada.

Passamos agora aos procedimentos de análise que têm norteado nossa pesquisa. Explicamos como operamos com os recursos verbais e não verbais que destacamos até aqui.

⁴ As noções de “ideal” e de “real” podem ser relacionadas a informações mais abstratas e mais concretas, respectivamente, distribuídas na verticalidade de uma composição. Os autores explicam que a seção superior tende a realizar um apelo emotivo e mostrar ao leitor algo que “poderia ser”, já a parte inferior tende a mostrar uma informação mais prática, que deveria ser entendida como “o que é”.

⁵ Embora essas sejam generalizações, os autores reconhecem que essas leituras podem ser refutadas por um leitor particular, visto que é possível a atribuição de outros valores a essas configurações (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996], p. 181).

Procedimentos de análise

Considerando nossos objetivos, o material selecionado é analisado levando em conta algumas etapas subsidiadas pelo aparato teórico-metodológico revisto em nossa fundamentação. Defendemos que a construção do objeto-de-discurso se dá na conjugação, ou melhor, na articulação estabelecida entre verbal e não verbal, respeitando suas especificidades. Sendo assim, partiremos da materialidade de cada modo semiótico, levantando os recursos relacionados à construção da “representação” da *pessoa pública Papa Francisco* no jornal. Analisamos também outros recursos multimodais relacionados, como explicamos, à diagramação do jornal, tais como a tipografia e organização do material verbal e do material não verbal na composição da página.

Nossa investigação é realizada considerando duas etapas principais, que não seguem, necessariamente, a ordem que apresentamos a seguir, já que nossas interpretações priorizam a articulação desses recursos:

- descrição e análise da fotografia a partir dos recursos mais diretamente relacionados com a composição fotográfica, descritos pela GDV:
 - *a distância social*: relativa ao enquadramento na fotografia;
 - *a atitude*: vinculada ao ângulo de tomada;
 - *o valor informacional*: relativo ao modo como os elementos vêm dispostos na imagem ou composição;
 - além disso, para explicar os destaques que são dados à figura da pessoa pública em análise, utilizaremos a noção de *saliência* e *moldura*.
- levantamento e análise das expressões nominais, escolhas lexicais e outras porções textuais, tal como a predicação, envolvidas no processo de referenciação. Enfocamos os processos de categorização e recategorização de objetos-de-discurso, discutindo a atribuição de propriedades e características aos referentes;

Não podemos nos esquecer de mencionar aqui, novamente, que focalizaremos também as estratégias de diagramação e de tipografia, sempre que os recursos utilizados estiverem relacionados ao processo de construção do referente analisado.

Importante destacar que os recursos recortados da GDV são analisados independentemente da metafunção a que pertencem, visto que buscaremos torná-los mais autônomos e, ao mesmo tempo, mostrar que as funções desempenhadas por eles são dinâmicas e aplicadas de maneira integrada na estrutura visual.

Amostragem de análise

Neste tópico do texto, analisamos uma composição visual presente na primeira página da *Folha*. O exemplo faz parte de nosso *corpus* e foi coletado do acervo digital do jornal; é, no entanto, uma reprodução da capa do jornal impresso, guardando suas características e organização originais. Na composição que apresentamos abaixo, temos uma abordagem da figura do Papa Francisco, na ocasião de seu primeiro Ângelus, no dia 18 de março de 2013, após ser eleito como papa em 13 de março.

Na primeira página do jornal, é possível perceber o destaque que a notícia recebe, principalmente, pela ocupação da fotografia, que toma quase a metade do espaço da página destinado às chamadas. O uso da fotografia, por si só, já é uma estratégia que opera

na tentativa de atrair o leitor para essa notícia, destacando sua importância em relação às demais.⁶ Além disso, a imagem vem posicionada na parte superior da primeira página, o que destaca seu valor informacional, já que trata-se de posição em que se costuma ser recorrente a veiculação de informações de maior prestígio e relevância para o jornal (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996], p. 179-201). Por essa razão, defendemos que essa fotografia opera a ativação do referente papa e, de maneira articulada com o material verbal – a legenda e o texto posicionado do lado esquerdo da foto –, aciona uma primeira imagem desse referente, que revela a perspectivização efetivada pelo produtor.

FOLHA DE S. PAULO
 Desde 1923 UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br
 DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FERRAZ FILHO 400 01 SEGUNDA-FEIRA, 18 DE MARÇO DE 2013 EDIÇÃO SP/DF CIRCULAÇÃO 35.23000 R\$ 3,10

ENTREVISTA DA 2ª
ROBERTO RICARDO
Por ser jesuíta, papa Francisco pode dialogar com a ciência
 Por ser oriundo da Companhia de Jesus, o papa Francisco tem capacidade para dialogar com o mundo científico, tecnológico e político e lidar com as demandas da modernidade, afirma Roberto Ricard...
 Mas, para evitar a hipérbole, o jornalista tenta deambular a Cléia. Entrevista de SP 418

VELOZ CRUZ
Economia fez Dilma ceder aos pedidos políticos
 Algo saiu das mãos do governo Dilma Rousseff? Este ano não tem a mesma importância...
 A empresa está nos resultados divergentes da economia, diz quem prevê crise em 2014. Agência A2

FALTA FÉ Entre esperanças, Francisco saída feita, que chegaram a beijar seu rosto, após missa no Vaticano, no 1º Anjolet, ele trouxe de perfil mais de 10

Promessas de Haddad já somam R\$ 13,9 bilhões
 Das 13 medidas do prefeito de SP, 5 são de difícil execução em um só mandato
 As 13 medidas anunciadas pelo prefeito Fernando Haddad (PT) em 77 dias de gestão somam pelo menos R\$ 13,9 bilhões para ser executadas em prática – o valor equivale a um terço do orçamento da capital paulista.
 Os planos incluem construir hospitais, dar apoio financeiro a empresários que buscam crescer e renovar semáforos. No "programa" de Haddad, 5 das 13 propostas são de difícil execução em um só mandato.
 Para cumprir todas essas iniciativas, a prefeitura paulistana pretende usar, além de recursos do seu orçamento municipal, federal e de empresas, por meio de parcerias público-privadas.
 Haddad busca não fazer parcerias municipais. Em janeiro, Haddad cogitou R\$ 5,2 bilhões do Orçamento de 2014. Há três semanas, mantém uma secretária com um 20% das despesas, no entanto, contrato. Lattes 14

Fundos reduzem aplicação para atrair iniciantes
 Com a queda dos juros ao nível mais baixo, fundos de renda fixa e DI já competem pelo pequeno investidor, que busca alternativas à carteira de poupança.
 Para atrair de novo o valor total da aplicação – em alguns casos, de R\$ 1.000 para R\$ 50. Em 2012, quinzenalmente o número de fundos com aplicações aumentou 8%.

ILUSTRADA
 SP Fashion Week, que começa hoje, aposta em clima de Hollywood

ESPORTE
 São Paulo vence e se mantém líder; Palmeiras empatou com lanterna

TEC
 Com doença rara, ilustrador de games desenha com os olhos

FALE COM A FOLHA
 Chama ao capital paulista

ATMOSFERA
 Chama ao capital paulista

RODÍZIO
 Não deixe de ir ao cinema

COC vendeu R\$ 14 milhões a secretária na gestão Chalita
 O grupo educacional COC vendeu R\$ 14 milhões em software à Fundação de Ensino e Desenvolvimento da Educação quando o deputado Chalita (PMDB-SP) era secretário estadual de Educação em julho de 2006. O grupo não vendeu mais à FEEC.
 Chalita diz que a FEEC é independente da secretaria e que os contratos foram aprovados pelo Tribunal de Contas. O COC também nega irregularidades. Poder 18

FAÇA PÓS-GRADUAÇÃO NA UNIP – a maior Universidade do Brasil, segundo o censo oficial do MEC.
 • Excelência no ensino
 • Conceito positivo no ENADE – MEC
 • Parcerias universitárias em todos os continentes do mundo
 A UNIP é 100% formada por brasileiros, de acordo com o Ranking Universitário Folha 2012.
 ESPECIALIZAÇÃO • MBA • CAPACITAÇÃO | PRESENCIAIS • SEMIPRESENCIAIS • A DISTÂNCIA www.unip.br

Figura1. 1ª página da Folha de S. Paulo, edição do dia 18 de março de 2013

⁶ Outra notícia chama atenção pelo título em letras grandes e destacado em negrito, no entanto, para os propósitos que temos com este trabalho, focalizamos as chamadas referentes a informações associadas à figura do papa.

O enquadramento em plano aberto coloca em evidência, além do papa, o cenário em que ele se insere. A seleção do ângulo de tomada é vertical, ou seja, a fotografia foi tirada de cima para baixo, a partir de um ângulo elevado, o que diminui o tamanho do objeto ilustrado. O enquadramento em plano aberto, que dá espaço ao cenário composto por fiéis, e o ângulo vertical elevado, que diminui a figura do papa, destacam o assédio que ele sofre nesse contexto. E, embora sua imagem seja diminuída, isso não a torna uma figura acessória. Na verdade, por ser uma personalidade pública, o papa se apresenta como mais saliente na imagem, em comparação ao público “comum”, o que garante sua posição de destaque. Além disso, os olhares dos fiéis estão ligados ao papa, o que corrobora a leitura de que ele é o centro das atenções.

Abaixo da fotografia temos a seguinte legenda “PAPA STAR Entre seguranças, Francisco saúda fiéis, que chegaram a beijar seu rosto, após missa no Vaticano; no 1º Ângelus, ele tratou do perdão Mundo A9”. A escolha lexical PAPA STAR recategoriza esse referente e é introduzida, sustentada pelo modo como ele é representado na fotografia. O visual, descrito pelo termo PAPA STAR, funciona como uma âncora que autoriza essa atribuição, ao mesmo tempo em que é recategorizado por ela.

Podemos dizer, então, que da seleção dessa representação visual, deriva a recategorização verbal do referente, presente no título da legenda. O nome PAPA STAR, neologismo criado a partir do termo “pop star”, cujo significado se associa a celebridades tidas como figuras populares, aciona um conjunto de conhecimentos na memória discursiva do leitor, que ratificam as estratégias em uso na fotografia, e colocam em destaque o atributo de “popularidade” na construção do referente papa. Além disso, o termo atribui aspectos relativos à facilidade de aproximação e à abertura, associados culturalmente à figura desse referente, e construídos no/pelo discurso.

Essas propriedades também são acionadas, ainda na primeira página, por meio de algumas construções presentes no texto posicionado à esquerda da foto. Trata-se de uma chamada que encaminhará o leitor para uma entrevista na página A15. Nota-se que, na primeira página do jornal, a relação entre os textos é evidente e os aspectos relativos à aproximação e abertura, acionados pelo termo PAPA STAR, podem ser relacionados a algumas porções cotextuais desse texto.

Chamada para a entrevista:

Por ser jesuíta, papa Francisco pode dialogar com a ciência

Por ser oriundo da Companhia de Jesus, o papa Francisco tem capacidade para dialogar com o mundo científico, tecnológico e político e lidar com os desafios da modernidade, afirma Roberto Romano, professor de ética e filosofia na Unicamp. “**É uma ordem que cultiva a ciência e a técnica**”, disse.

Mas, para arejar a igreja, o pontífice terá de enfrentar a Cúria. **Entrevista de 2ª A15**

A noção de um papa mais aberto é instituída, nessa chamada, pelas predicções “ser jesuíta”, presente no título e retomada posteriormente por “ser oriundo da Companhia de Jesus”; e “pode dialogar com a ciência”, também retomada por “tem capacidade para dialogar com o mundo científico, tecnológico e político e lidar com os desafios da moder-

nidade”. Essas predicções atribuem ao referente a qualidade de tornar possível o diálogo entre a igreja e questões mais modernas.

Tal atribuição é, ainda, homologada por outra construção que se refere ao objeto-de-discurso “a Companhia de Jesus”. A predicção, que aparece como uma definição sobre esse objeto, “É uma ordem que cultiva a ciência e a técnica”, opera sobre ele uma recategorização que interfere na construção do referente papa, já que também age sobre as predicções “ser jesuíta” e “ser oriundo da Companhia de Jesus” referentes a ele. Dessa maneira, não só as propriedades diretamente ligadas ao referente papa atuam em sua (re) construção, mas também as propriedades de outros referentes que se associam a ele.

A ratificação das noções de abertura e acessibilidade, atribuídas ao objeto-de-discurso em questão, ganha ainda um peso argumentativo que deve ser notado e que está associado à estratégia de apropriação do discurso do outro no texto jornalístico. As predicções destacadas acima são parte do discurso relatado de um especialista, cuja principal função é assegurar a autenticidade do que é dito no texto e marcar o distanciamento do locutor, imprimindo uma aparente objetividade ao discurso. Essa função recai sobre o modo como essas construções atuam na construção da referência, e a representação de um papa mais próximo do povo e disposto ao diálogo torna-se reforçada.

Como é possível notar, todo esse processo de construção referencial é extremamente complexo e dinâmico. Trata-se de um fenômeno em que atuam diferentes fatores associados à atividade de leitura e interpretação. A sequência de análise dos elementos que abordamos, por exemplo, pode não corresponder ao movimento de leitura realizado por um leitor particular. Pela saliência que adquire na página do jornal, a fotografia tem grande destaque em comparação ao texto verbal, mas não podemos deixar de considerar que a caixa alta utilizada como recurso tipográfico no título da legenda, e o tamanho da fonte do título da chamada, localizada do lado esquerdo da fotografia, também são estratégias que chamam a atenção do leitor e que podem mobilizar diferentes movimentos de leitura.

Esse é mais um motivo para defendermos que, nos textos que temos analisado, a referência resulta de uma articulação multimodal. Fotografia, textos verbais, estratégias tipográficas e de diagramação, quando conjugadas, atuam na construção da referência.

Considerações finais

Este trabalho, ainda em fase de execução, desenvolve-se no sentido de colaborar para novas perspectivas acerca do funcionamento de processos que constituem o texto. Ainda há muito a se dizer sobre o fenômeno da referenciação, principalmente, quando visto sob um prisma ampliado, como o que tentamos mostrar, motivados pela segunda agenda nos estudos sobre o assunto e por trabalhos como o de Custódio Filho (2011).

Como dizem Mondada e Dubois (2003), é no/pelo discurso que se elabora uma possibilidade de versão do mundo que, longe de ser imparcial, revela que há escolhas específicas envolvidas no modo como o referente é apresentado, ou melhor, dinamicamente (re)elaborado. Pouco importa saber para análise linguística se essas escolhas são conscientes ou não, o que é possível afirmar é que são seleções que emergem de uma atividade de linguagem sociocognitiva constituída por fatores de ordem cultural, interacional, experiencial.

No processo de referenciação, esses fatores convergem, como lembram Koch e Cunha-Lima (2007, p. 255), na realização de “ações verbais” que resultam de uma vida psicológica individual e de ações públicas e históricas. Somamos a essas ações o não verbal, contemplando a natureza multimodal do texto e, conseqüentemente, do processo de referenciação.

Esperamos, com nossas interpretações, possibilitar novos questionamentos que busquem ampliá-las ou, ainda, contrariá-las. Entendemos que o propósito final é o de oferecer melhores explicações sobre os fenômenos da linguagem.

REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. Construction de la référence et strategies de designation. Tradução (inérita) Mônica Magalhães Cavalcante. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. (Org.). *Du syntagme nominal aux objects-de-discours*. SN complexes, nominalisation, anaphors. Neuchâtsh: Université de Neuchâtsh, 1995. p. 227-271.
- BENTES, A. C.; RAMOS, P.; ALVES FILHO, F. Enfrentando desafios no campo de estudos do texto. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 389-428.
- BENTES, A. C.; RIO, V. C. A construção conjunta da referência em uma entrevista semimonitorada com jovens universitários. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 265-291.
- CARVALHO, F. F. A primeira página de jornais portugueses à luz da análise multimodal. *Anglo saxônica*, ser. II, n. 26, p. 223-243, 2008.
- _____. Semiótica social e gramática visual: o sistema de significados interativos. *Anglo saxônica*, ser. III, n. 1, p. 264-281, 2010.
- CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não-ditas*. Edições UFC, 2011.
- CAVALCANTE, M. M. et al. (Org.). *Texto e discurso sob múltiplos olhares*. v. 2: referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- CUSTÓDIO FILHO, V. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. 2011. 331 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- CUSTÓDIO FILHO, V.; SILVA, F. O. O caráter não linear da recategorização referencial. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. (Org.) *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013. p. 59-85.
- FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 18 mar. 2013, primeira página.
- JUBRAN, C. C. A. S. O discurso como objeto de discurso em expressões nominais anafóricas. *Caderno de estudos linguísticos*, Campinas, n. 44, p. 105-118, jan./jun. 2003.
- KOCH, I. G. V. *Referenciação: construção discursiva*. Ensaio apresentado por ocasião do Concurso para Titular na Área de Análise do Discurso no IEL, Unicamp, 1999. (mimeo).
- _____. A construção sociocognitiva da referência. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (Org.). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 95-107.
- _____. *Introdução à linguística textual: trajetórias e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

- KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à Linguística*. v. 3: fundamentos epistemológicos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 251-300.
- KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Estratégias de referenciação no texto falado. Texto apresentado para publicação na obra *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. vol. 1 – Construção do Texto Falado. (mimeo). 2000.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: the Grammar of visual design*. London: Routledge, 2006 [1996].
- LEITE, Ricardo L. *Metaforização textual: a construção discursiva do sentido metafórico no texto*. 212f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007a.
- _____. Da recategorização metafórica à metaforização textual. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Org.) *Texto e discurso sob múltiplos olhares*. v. 2: referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007b. p. 104-122.
- MONDADA, L. Gestion du topic et organisation de la conversation. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, IEL/Unicamp, n. 41, p. 7-36. 2001.
- _____. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-31.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Org.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- VAN LEEUWEN, T. *Introducing Social Semiotics*. London; New York: Routledge, 2005.